

QUESTÕES E PROBLEMAS AS CONSTRUÇÕES COM PREPOSIÇÕES DESACOMPANHADAS NO INGLÊS

Yara DUARTE (Universidade de Brasília)

0. Introdução

Um dos contrastes mais marcantes entre o português e o inglês diz respeito à possibilidade de, no inglês, um SN ou QU- separar-se da preposição da qual é Complemento, deixando-a órfã ou desacompanhada:

- (1) (i) John was talked to
(ii) Who did you talk to?

A primeira vista, parece não haver nada de especial nas sentenças acima. Além de serem de uso normal no inglês, sua gramaticalidade pode ser deduzida da aplicação de Mover α , responsável pela derivação de tantas outras estruturas. A julgar pelos exemplos em (1) acima, poder-se-ia supor que as construções com preposições desacompanhadas (CPDs) são frequentes e regulares.

Na verdade, porém, trata-se de um fenômeno relativamente raro entre as línguas naturais, até hoje atestado apenas no inglês, no holandês, nas línguas escandinavas, e em algumas línguas Kru da Costa do Marfim (Chomsky, 1965; Riemsdijk, 1978; Koopman, 1984; Mailing & Zaenen, 1990). Na maioria das línguas, a separação entre a preposição e seu Complemento é proibida, mesmo naquelas que permitem movimento de SN e QU- a partir de outras posições como, por exemplo, nas línguas românicas.

É curioso observar também que mesmo as línguas que exibem o fenômeno diferem quanto aos contextos em que sua ocorrência é permitida. Assim, nas línguas escandinavas, as CPDs só ocorrem mediante movimento de QU-, sendo as pseudo-passivas agramaticais ou extremamente marginais. No holandês, as CPDs resultam de movimento de QU- ou de clítico, mas o movimento de SN para derivar passivas preposicionadas é proibido. Já em gbadi, língua Kru da Costa do

Marfim, as CPDs são permitidas em todos esses contextos: movimento de SN, movimento de QU- e movimento de clítico.

Por outro lado, a regularidade do fenômeno no inglês é apenas aparente, pois se restringe somente a um pequeno subconjunto dos contextos logicamente possíveis. Por exemplo, o movimento de SN, que deriva as pseudo-passivas e que é limitado pela condição de adjacência entre V e P, ainda assim é freqüentemente bloqueado:

(2) (i) That house has been lived in.

(ii) *New York has been lived in.

Mesmo o movimento de QU-, que prescinde da adjacência V-P, é também proibido com vários SPs adverbiais:

(3) (i) What conclusion did John arrive at?

(ii) *What time did John arrive at?

Por tudo isso, Riemsdijk (1978) sugeriu que as CPDs são uma opção marcada na gramática das línguas que permitem a sua ocorrência, e sua manifestação pode não estar relacionada a um único fator, o que impossibilitaria uma explicação unificada do fenômeno. Essa concepção foi também defendida por Maling & Zaenen (1990), em análise do islandês, contrariando o que vem sendo postulado nas propostas feitas para o inglês.

O objetivo deste Squib é examinar as principais análises das CPDs apresentadas para o inglês, apontar os problemas que elas enfrentam e suscitar certas questões que julgamos relevantes para embasar uma nova análise do fenômeno, que apresente uma explicação unificada e que tenha validade translingüística.

1. As CPDs no inglês

1.1 Chomsky (1965)

No modelo padrão, Chomsky (1965) propôs que as CPDs fossem derivadas por meio da aplicação de uma regra de Reanálise, ordenada antes da T-Passiva, que reestruturava V e P em um V complexo (que simbolizaremos V*):

- (4) (i) They [_{SV} decided [_{SP} on the boat]]
 (ii) They [_{V*} decided on] [_{SN} the boat]
 (iii) The boat [_{SV} was decided on]

Somente pela aplicação da Reanálise é que se configurava a descrição estrutural exigida para a apassivação: um verbo transitivo, nesse caso denominado transitivo complexo, e um SN Objeto Direto (OD).

Pelo menos dois problemas devem ser mencionados em relação à essa análise, que independem do modelo da época. Lakoff (1971) mostrou que ela se apoiava em uma classificação arbitrária de Complementos Adverbiais, já que nem todos eles podiam ser reanalisados como ODs e nem, portanto, transformados depois em Sujeito via T-Passiva:

- (5) (i) This bed has been slept in
 (ii) *This bed has been slept near.

Por outro lado, Riemsdijk (1978) observou uma assimetria significativa entre os contextos estruturais exigidos para CPDs resultantes de movimento de SN e CPDs obtidas via movimento de QU-. Enquanto a adjacência entre V e P era crucial para a derivação das primeiras, ela não era exigida em construções QU-:

- (6) (i) Which car did John [_{SV} ride across Europe in _]?
 (ii) Whom did John [_{SV} talk to Fred about _]?
 (7) (i) *That car [_{SV} was ridden across Europe in _]
 (ii) *Mary [_{SV} was talked to Fred about _]

1.2 Riemsdijk (1978)

Considerando a raridade linguística do fenômeno e a frequência com que ele, de fato, pode ocorrer, Riemsdijk concluiu que, na maioria das línguas, os SPs são ilhas impenetráveis (Ross, 1967), contextos sintáticos totalmente opacos à aplicação de regras transformacionais¹. Conseqüentemente, as CPDs são uma opção marcada da GU.

Além disso, se a adjacência entre V e P é exigida para a aplicação da Reanálise e se essa condição só vigora para derivar as pseudo-passivas, então as CPDs resultantes de movimento de QU- não podem

ser consequência da aplicação da regra. Para Riemsdijk, a explicação para essas CPDs está na estrutura frasal: o nóculo SP, dispõe de uma posição COMP, que, tal qual COMP de S, serve de local de aterrizagem para o sintagma QU-, que pode, então, ser movido sem violar a Subjacência:

- (8) Whom_i [S did you talk [SP v_i [p' about v_i]]]

Um dos principais problemas com a proposta de Riemsdijk é o fato de haver duas explicações distintas para um mesmo fenômeno, as CPDs. Como bem observou Stowell (1982), tratando-se todas essas construções de maneira unificada, eliminam-se redundâncias na teoria.

Além disso, empiricamente, a hipótese de um SP com COMP não encontra apoio nos dados linguísticos. Se, por um lado, essa posição realmente existisse no inglês, a extração de QU em SPs complexos deveria ser possível, o que não se verifica (Baltin, 1978):

- (9) (i) *What did a rabbit appear from behind?

- (ii) What_i [did a rabbit appear [SP v_i from [SP v_i [p' behind v_i]]]]

Por outro lado, se, nas línguas românicas, o nóculo limite é S', e não S, a extração de QU- deveria ser permitida, o que não acontece (Hornstein & Weinberg, 1981):

- (10) (i) *la fille qu'il parlait de ...

- (ii) la fille de qui il parlait ...

- (11) (i) *che cosa gli hai parlato di ...

- (ii) di che cosa gli hai parlato ...

Finalmente, a restrição estrutural proposta não tem poder explanatório (Stowell, 1982). Muitas línguas que satisfazem a condição de adjacência entre V e P, seja com a ordem V-P (português, italiano, francês), ou P-V (japonês, turco), não exibem passivas preposicionadas.

1.3 Hornstein & Weinberg (1981)

A hipótese da Reanálise para explicar todas as CPDs do inglês foi defendida pelos autores como solução unificada do fenômeno, entendida

a Reanálise como uma regra sintática opcional, aplicada na base, cujo produto é um V complexo.

Motivada por um Filtro Universal que bloqueia vestígios marcados com o caso oblíquo, a regra é uma opção marcada na gramática das línguas que exibem CPDs. No reduzido número de línguas que permitem o fenômeno, sua aplicação é a estratégia adotada para evitar a agramaticalidade das seqüências derivadas. Em outras palavras, após a Reanálise, o vestígio é marcado Acusativo, já que passa a ser regido por V complexo, e não por P.

Como a regra é utilizada para derivar tanto as CPDs resultantes de movimento de QU- como as pseudo-passivas, os autores postularam que a Reanálise obedece à restrição de c-comando, pela qual os elementos reestruturados têm que ser c-comandados por V, o que limita a sua aplicação a constituintes de SV.

Além disso, nas pseudo-passivas somente, também é exigido que os elementos reestruturados formem "um vocábulo semanticamente interpretável", ou seja, um vocábulo que apresente significado não composicional, indivisível. Por tais restrições, estão corretamente bloqueadas todas as construções QU- e pseudo-passivas cujos SNs são extraídos de SPs gerados fora de SV ou SPs extrapostos:

- (12) (i) *What time did you arrive at _ ?
 (ii) *John was travelled with _
 (iii) *Whom did John talk to Harry yesterday about _ ?

Igualmente agramaticais são todas as pseudo-passivas cujo V complexo não seja um predicado possível no sentido semântico ²:

- (13) (i) *Some money was given Mary _
 (ii) *Paul was talked to Harry about _
 (iii) *Paul was kept tabs on _

Apesar de propor uma explicação unificada para todas as CPDs do inglês, a análise de Hornstein & Weinberg também é problemática. Em primeiro lugar, faz uso de um mecanismo adicional e "ad hoc", o Filtro Universal, sem nenhum poder explanatório, um mero instrumento bloqueador. Teoricamente, não consegue explicar a razão de ser facultada a aplicação da Reanálise a um número tão reduzido de línguas,

isto é, não apresenta nenhuma característica desse grupo de línguas que motive a inserção da regra em suas gramáticas.

Além disso, as evidências empíricas mostram que as restrições impostas podem bloquear CPDs perfeitamente gramaticais, como, por exemplo, as sentenças exemplificadas em (14) abaixo. Observe-se que, nelas, o V complexo apresenta um significado composicional, infringindo, portanto, o critério semântico proposto, e o SP adverbial não é subcategorizado por V, violando assim a restrição estrutural exigida (Davison, 1980):

- (14) (i) That spoon has been eaten with _____
 (ii) This bridge can be flown under _____
 (iii) Dinner was sat through _____ in silence

1.4 Kayne (1981)

A proposta de Kayne (1981) foi a primeira tentativa de explicação das CPDs com base em um princípio da GU: Princípio das Categorias Vazias (PCV). Foi também a primeira análise a postular uma propriedade formal típica do inglês que motivaria a aplicação da Reanálise.

Kayne (1981a) sugeriu que as preposições não funcionam como regentes apropriados de categorias vazias na maioria das línguas. Assim, a proibição das CPDs é uma consequência automática do PCV, já que o vestígio deixado pelo deslocamento do SN ou QU- Complemento da preposição não é apropriadamente regido.

Posteriormente, Kayne (1981b) justificou o processo de reanálise no inglês a partir de uma diferença no sistema de Casos entre o inglês e o francês (e outras línguas românicas). Decorrente da perda do sistema de Casos inerentes (Kayne, 1979), no inglês, V e P regem estruturalmente e atribuem o mesmo Caso, o Acusativo, como evidencia a falta de distinção Dativo/Acusativo nessa língua. Em contraste, nas demais línguas, P atribui Caso Oblíquo inerente a seu Complemento. Conseqüentemente, o inglês tem em sua gramática uma regra de Reanálise que reestrutura V e P, processo esse que só é possível porque ambas as categorias atribuem Caso do mesmo modo.

Apesar de teoricamente inovadora, a análise de Kayne enfrenta problemas empíricos. Se, no inglês, a Reanálise é possível porque V e P regem ambos estruturalmente e atribuem o mesmo Caso, sendo a Reanálise motivada pelo PCV, ela é limitada, por conseguinte, aos SPs subcategorizados por V. Ora, já mostramos em (14i,ii,iii) que, por tal restrição, pseudo-passivas perfeitamente gramaticais seriam bloqueadas porque seus SPs não são subcategorizados. Mais grave ainda, é o fato de que as restrições estruturais impostas não conseguem impedir que CPDs agramaticais sejam geradas, como, por exemplo, as sentenças exemplificadas em (15) abaixo, cujos SPs são subcategorizados e adjacentes a V:

- (15) (i) *The post office was dashed into _
 (ii) * The lake was stood by _
 (iii) * New York has been lived in _.

A proposta de Kayne também não prevê a possibilidade de poder ser incluído um SN, mas não um SP, interveniente na aplicação da Reanálise para derivar pseudo-passivas, em contraste com as CPDs derivadas por movimento QU-:

- (16) (i) Paul was taken advantage of _
 (ii) Jane was caught sight of _
- (17) (i) * Paul has been talked to Fred about _
 (ii) * Mary has been given a gift to _
- (18) (i) Whom has John talked to Fred about _?
 (ii) Whom have you given a gift to _?

Observe-se que o critério semântico proposto por Hornstein & Weinberg era motivado justamente pela gramaticalidade de sentenças como as de (16) acima. Na verdade, porém, mesmo fazendo uso do critério semântico, existe um fator complicador adicional em relação a tais estruturas. Trata-se da possibilidade de haver reestruturação facultativa do SN na aplicação da Reanálise em (16i), em contraste com a reestruturação obrigatória em (16ii), como se deduz a partir da diferença de gramaticalidade do par abaixo:

- (19) (i) Advantage was taken _ of Paul
 (ii) *Sight was caught _ of Jane.

1.5 Stowell (1982)

Supondo que as preposições não são regentes apropriados de categorias vazias (Kayne, 1981a), Stowell, entretanto, não postulou nenhuma diferença entre as línguas para explicar a razão pela qual as CPDs são permitidas apenas em um grupo tão reduzido delas.

Com base em Emonds (1976), ele optou por uma outra condição para a aplicação da Reanálise; a Condição de Preservação de Estrutura. Isto significa que o V complexo obtido tem que ter uma estrutura equivalente à estrutura de palavras que possam ser obtidas independentemente pelas regras morfológicas da língua. Conseqüentemente, apenas as línguas que apresentam uma regra morfológica de incorporação de partículas preposicionais permitem em suas gramáticas a inclusão da Reanálise. Assim, não se trata de uma regra marcada, mas está automaticamente disponível no grupo de línguas que apresentam seqüências de verbo e preposição derivadas morfológicamente.

Optando pela hipótese unificada com base na Reanálise, Stowell apresentou explicações alternativas para violações de adjacência em CPDs com SNs e SPs intervenientes derivadas por movimento de QU-. No primeiro caso, segundo ele, a violação é apenas aparente. É que o produto obtido pela Reanálise é o mesmo que resulta da aplicação da regra morfológica de incorporação de SN, instanciada nas construções de Duplo Objeto e de Movimento de Partícula, que também derivam verbos complexos da forma $V^*[V - SN]$ ou $V^*[V - SN - P]$, como ilustram (20i e ii) abaixo:

(20) (i) Debbie [V^* bought Anne a record]

(ii) John [V^* called his friend up]

Essa estratégia, contudo, não vigora para as pseudo-passivas, conforme se depreende da agramaticalidade de (21) abaixo:

(21) (i) *This library was borrowed the book from _

(ii) *The table was put the book on _

Essa agramaticalidade deve-se ao fato de que a incorporação de SN aplica-se apenas à classe dos radicais verbais verdadeiros, não a participios passivos, do mesmo modo que a regra morfológica de

incorporação de SN, nas construções com Duplo Objeto, também não se aplica a participios passivos:

- (22) (i) *A record was bought Anne _
 (ii) *Some money has been given Fred _

Para explicar a incorporação de SPs intervenientes, como não há regra morfológica de incorporação de SPs, Stowell hipotetizou uma representação abstrata de Estrutura-S, onde os Complementos de V não formam seqüências ordenadas, posicionando-se sempre adjacentes a V:

- (23) Estrutura-S:
 Which toys_i did the children [_V play SP { [in the garden]
 [with _] }]

E, na derivação para a FL, a Reanálise é motivada para satisfazer ao PCV, já que o SP que contém o vestígio está adjacente ao verbo.

Mas a análise de Stowell também enfrenta problemas. Primeiramente, as pesquisas morfológicas não apóiam a hipótese de que haja, no inglês, uma regra morfológica que derive compostos da forma [V + P]_V. De acordo com Lieber (1983), por exemplo, podemos encontrar V compostos da forma [N + V] (*hand-wash*), [P + V] (*overcome*), [A + V] (*sweet-talk*) e [V + V] (*fly-drive*), mas não *[V + P]_V. Tal impossibilidade é devida a um princípio da morfologia, a Regra da Mão Direita (Williams, 1981). Ela exige que o nóduo ramificante mais alto na árvore morfológica seja etiquetado com a mesma categoria do afixo ou radical posicionado mais à direita, bloqueando, portanto, qualquer composto de forma *[V + P]_V.

Em segundo lugar, as duas outras condições formais impostas à Reanálise, adjacência e subcategorização, não são suficientes, como vimos, para gerar apenas e somente CPDs gramaticais, sendo excluídas, por exemplo, as sentenças em (14), todas gramaticais, porém com SPs não subcategorizados, e permitidas as sentenças em (15), todas agramaticais, mas com SPs subcategorizados e adjacentes.

Finalmente, como, para Stowell, a incorporação de SN não ocorre com participios passivos, seriam bloqueadas todas as pseudo-passivas com um SN interveniente, como, por exemplo, as sentenças perfeitamente gramaticais exemplificadas em (16).

2. Questões para Futuras Análises das CPDs

O fenômeno das CPDs examinado neste Squib suscita várias questões que merecem ser pesquisadas em análises futuras. Muito embora a hipótese da Reanálise tenha se mantido ao longo do desenvolvimento da teoria gerativa, por ser talvez mais desejável teoricamente, já que deriva todas as CPDs a partir de uma única estratégia, para aceitá-la como explicação unificada é preciso que se proponham soluções não apenas para os problemas detectados nas análises do inglês, mas também que sejam aprofundadas as investigações nas demais línguas que permitem CPDs.

Mais especificamente, é necessário que, além de muitas outras, as seguintes indagações encontrem respostas adequadas:

- (a) se as análises do inglês majoritariamente consideram que todas as CPDs são resultantes da aplicação da Reanálise, por que motivo, observadas as restrições impostas, os contextos estruturais diferem nas línguas que manifestam o fenômeno; em outras palavras, por que razão, no islandês, sueco e dinamarquês, por exemplo, a Reanálise só se aplica para permitir movimento de QU-, mas não para movimento de SN (cf. Mailing & Zaenen, 1990)?
- (b) sendo a Reanálise um tipo de reestruturação de constituintes e existindo uma assimetria significativa entre a derivação que produz pseudo-passivas e construções QU- (em nota de rodapé, Kayne observa que, nas passivas, há reanálise em termos de constituinte, mas nas construções QU- há reanálise em termos de regência), seria lícito supor que se trata da *mesma* regra?
- (c) supondo-se que o PCV seja o princípio da GU que motiva a aplicação da Reanálise e se o PCV exige, para fins de regência, que o SP seja adjacente e subcategorizado, que característica específica apresentam os SPs exemplificados em (14) e (15), que, respectivamente, não subcategorizados são passíveis de reestruturação e subcategorizados são excluídos do processo?
- (d) como o critério semântico imposto pode impedir que sentenças gramaticais sejam geradas, porque o V complexo obtido tem significado divisível, composicional (cf. 14i, ii, iii), e como o

participio passivo não incorpora SNs adjacentes, segundo Stowell, que explicação poderia ser oferecida para dar conta da gramaticalidade das CPDs em (16)?

(e) postulando-se que, no inglês, a Reanálise é automática devido a uma propriedade formal, qual seja, V e P regem do mesmo modo e atribuem ambos Caso Acusativo (Keyne, 1981b), seria essa propriedade comum também às demais línguas que permitem CPDs?

(f) se, por outro lado, como tem sido observado na literatura (Riemsdijk, 1978; Stowell, 1982; Mailing & Zaenen, 1990), houver uma correlação estreita entre o fenômeno das CPDs e a existência de certas combinações de verbos com um tipo de preposição denominada partícula, e se, em Chomsky (1986), foi feita uma distinção importante entre as preposições, qual seja, verdadeiras preposições (+ Caso, + Teta) e marcadores de Caso (- Caso, - Teta), não seria plausível hipotetizar que a classe das preposições não é homogênea, incluindo-se em sua tipologia o grupo das partículas, constituindo-se elas então em propriedade comum ao grupo de línguas que manifestam o fenômeno das CPDs (Duarte, 1992)?

(Recebido em 01/07/94 - Aceito em 01/07/94)

NOTAS

- 1 Riemsdijk assume que o nóculo SP seja, tal como S, um nóculo limite.
- 2 Deve ser observado, contudo, que, para fins de Reanálise em construções QU-, embora os elementos contíguos não formem "vocábulos semânticos", segundo Hornstein & Weinberg eles formam um V complexo. Essa noção de V complexo é consideravelmente mais geral do que qualquer outra proposta na literatura. Como regra sintática, ela se aplica a qualquer seqüência de elementos contíguos dominados por SV.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALTIN, M. (1978) *Constraints on Construals*. Tese de doutoramento. MIT. Cambridge, MA.

- CHOMSKY, N. (1965) *Aspects of the Theory of Syntax*. MIT Press: Cambridge, MA.
- _____. (1986) *Knowledge of Language: its Nature, Origin and Use*. Praeger: New York.
- DAVISON, A. (1980) Peculiar passives. *Language* 56(1): 42-76.
- DUARTE, Y. (1992) As Preposições Desacompanhadas e a Reanálise nas Passivas do Inglês. Projeto de Pesquisa com bolsa do CNPq. Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- EMONDS, J. (1976) *A Transformational Approach to English Syntax*. Academic Press: New York.
- HORNSTEIN, N. & A. WEINBERG (1981) Case theory and preposition stranding. *Linguistic Inquiry* 12 (1) :55-91.
- KAYNE, R. (1979) Case marking and LF. Manuscrito. Universidade de Paris VIII.
- _____. (1981a) ECP extensions. *Linguistic Inquiry* 12 (1): 93-133.
- _____. (1981b) On certain differences between French and English. *Linguistic Inquiry* 12 (3): 349-371.
- KOOPMAN, H. (1984) *The Syntax of Verbs*. Foris: Dordrecht.
- LAKOFF, R. (1971) Passive resistance. *Papers from the 7th Regional Meeting*. Chicago Linguistic Society: Chicago.
- LIEBER, R. (1983) Argument linking and compounds in English. *Linguistic Inquiry* 14: 251-285.
- MAILING, J. & A. ZAENEN (1990) Preposition stranding and passive. *Syntax and Semantics* 24:153-285.
- RIEMSDIJK, H. van (1978) *A Case Study in Syntactic Markedness: the Binding Nature of Prepositional Phrases*. Foris: Dordrecht.
- ROSS, J.R. (1967) *Constraints on Variables in Syntax*. Tese de doutoramento. MIT: Cambridge, MA.
- STOWELL, T. (1982) Conditions on Reanalysis. IN: MARANTZ, A. & T. STOWELL (eds.) *MIT Working Paper in Linguistics*, vol. 4: 245-269.
- WILLIAMS, E. (1981) Argument structure and morphology. *The Linguistic Review* 1: 81-114.